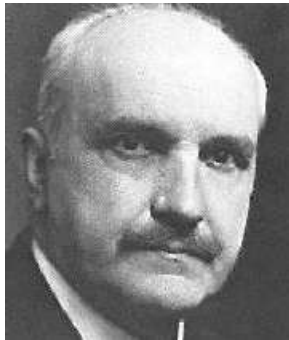


GEORGE SANTAYANA (1863-1952)



Milhares de reformas deixaram o Mundo tão corrupto como antes, porque cada reforma vitoriosa cria uma nova instituição e esta instituição desenvolve abusos congénitos

- ♦ Nasce em Madrid, mas emigra logo em 1872 para os Estados Unidos da América, sendo educado em Harvard, onde acaba por ser professor até 1912, onde tem como discípulo T. S. Elliot. A partir de então vive em Roma.
- ♦ Um dos teóricos do chamado humanismo estético, para quem a religião, tal como a poesia e o mito, é uma expressão de um valor estético e que o próprio Deus é o mais alto símbolo dos ideais humanos mais elevados. Salienta também que as essências são meras formas ou modos da matéria. Porque o espírito, enquanto parcela da matéria é capaz de intuir as essências.
- ♦ Considera que uma coisa é a palavra ser utilizada para designar, para dar sinal de coisas, pessoas e lugares, o que é típico da linguagem da ciência, outra é a palavra começar a designar ideias, como acontece nas artes liberais, como a poesia, a lógica, a dialéctica ou a gramática. Ora, na política, as ideias *aparecem no nosso pensamento... por impacto dos corpos vizinhos, sendo passadas de boca em boca, carregadas de julgamentos*. Ora, *não é com intuições puras de essências puras que o estadista ou o cidadão trata as suas ideias: o seu interesse adere aos factos, a acontecimentos recentes ou possíveis*. Em política *reduzimos as ideias a unidades globulares inteiramente relativas à nossa convivência, pelo que as ideias poderão tornar-se força, porque força lhes é atribuída, já que as ideias propriamente ditas, têm apenas relações ideais, essenciais*.
- ♦ Considerando que *uma teoria não é algo vazio de emoções*, salienta que Hegel era gnóstico e para ele, como para os gnósticos, o Filho aboliu o Pai e o Logos estava em tudo. Mas *uma tal forma de adoração da forma é idolatria*.
- ♦ Salienta que *o cristianismo foi a princípio uma combinação da teologia grega com a moralidade judaica; combinação instável, na qual um dos elementos teria*

inevitavelmente de desaparecer; no catolicismo o elemento grego, ou pagão, triunfou; no protestantismo, a severa moral hebraica. Um produziu a Renascença; outro, a Reforma. Considerar pagã essa filosofia germânica do eu, procurando sobrepôr a inteligência como princípio e fim de si mesma, às evidências contantes do ser.

♦O Estado pode ser um monstro, *mas a sua tirania centralizada tem a virtude de abolir a miscelânea de inumeráveis pequenas tiranias que outrora aterrorizavam e confinavam a vida. Um pirata único, que calmamente arrecada tributos, é preferível a cem piratas que os exijam sem aviso e sem limites.*

♦Defende que "a ordem universal já uma vez sonhada e nominalmente quase estabelecida, é o império da paz universal". Proclama que deveria estabelecer-se uma timocracia, um governo de homens de mérito e de honra, onde "a única igualdade subsistente seria a de oportunidades"

- The Sense of Beauty*, Nova York, 1896.
- Reason in Society*, Nova York, 1905.
- The Life of Reason*, Nova York, 1905-1906.
- Soliloquies in England and Later Soliloquies*, 1922.
- Sceticism and Animal Faith*, Nova York, 1923.
- The Realms of Beeing*
Nova York, 1927-1940, 4 vols.
- The Realm of Spirit*
Nova York, 1940.
- Winds of Doctrine*
Nova York, 1940.
- Dominations and Powers*
Nova York, 1951.
- Reflections on Liberty, Society and Government.*
- The Birth of Reason and other Essays*
Nova York, Columbia University Press, 1968.. Cfr. trad. port. *Alternativas para o Liberalismo e Outros Ensaio*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

☞ Kirk (1956), pp. 453 segs.; - *The Conservative Reader*, pp. 467 segs; Sousa, Maria Conceição Barreira, «Santayana», in *Logos*, 4, cols. 905-906.